

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire, Augusto Boal e Jacques Rancière

Patricia da Silva WIERSBITZKI¹

Carmen Lúcia CAPRA²

Leonardo Marques KUSSLER³

RESUMO

O objetivo deste artigo é aproximar o conceito de emancipação tratado em obras de Jacques Rancière, Paulo Freire e Augusto Boal. O estudo integrou a pesquisa de Mestrado Profissional em Educação sobre possíveis cenas de emancipação produzidas no encontro entre teatro, educação não escolar e adolescentes. A reflexão permite observar que Freire, sob a ótica de Marx, assinala a importância da educação como uma prática de liberdade pautada no ideal da transformação social. Boal, explora, pelo teatro, um meio para refletir sobre as opressões das classes desfavorecidas. Rancière, busca, na experiência de um pedagogo francês, chamado Joseph Jacotot, pensar o princípio da igualdade das inteligências como condutor da emancipação intelectual. O estudo permitiu traçar reflexões sobre posturas e ações pedagógicas que são tão importantes quanto os próprios conhecimentos implicados no aprendizado, deslocando o conceito de emancipação para as relações possíveis no aqui e no agora dos processos educativos e artísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação. Educação freiriana. Educação não escolar. Teatro do oprimido.

¹ Mestra em educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1069-7994>

E-mail: patricia-wiersbitzki@uergs.edu.br

² Doutora e mestra em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Educação Artística pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0185-7634>

E-mail: carmen-capra@uergs.edu.br

³ Pós-doutorando no PPGED da Uergs e pesquisador PIPD/Capes no PPG Filosofia da UNISINOS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8876-8211>

E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

Considerations about the concept of emancipation in Paulo Freire, Augusto Boal and Jacques Rancière

Patricia da Silva WIERSBITZKI

Carmen Lúcia CAPRA

Leonardo Marques KUSSLER

ABSTRACT

The objective of this article is to approach the concept of emancipation discussed in the studies of Jacques Rancière, Paulo Freire and Augusto Boal. The study was part of the Professional Master's in Education research at the State University of Rio Grande do Sul on possible scenes of emancipation produced in the encounter between theater, non-school education and teenagers. The reflection allows us to observe that Paulo Freire, from Marx's perspective, highlights the importance of education as a practice of freedom based on the ideal of social transformation. Augusto Boal, like Freire, explores, in the theatrical tool, a means to provide answers to social questions and reflect on the oppression of disadvantaged classes. Jacques Rancière, in turn, seeks, in the experience of a French pedagogue, called Joseph Jacotot, to think about the principle of equality of intelligence as a conductor of intellectual emancipation. Finally, it is noteworthy that the study allowed us to draw reflections on pedagogical attitudes and actions that are as important as the knowledge involved in learning, shifting the concept of emancipation to possible relationships in the here and now of educational and artistic processes.

KEYWORDS: Emancipation. Freirean Education. Non-school education. Theatre of the Oppressed.

Consideraciones sobre el concepto de emancipación en Paulo Freire, Augusto Boal y Jacques Rancière

Patricia da Silva WIERSBITZKI

Carmen Lúcia CAPRA

Leonardo Marques KUSSLER

RESUMEN

El objetivo de este artículo es abordar el concepto de emancipación discutido en obras de Jacques Rancière, Paulo Freire y Augusto Boal. El estudio formó parte de la investigación de la Maestría Profesional en Educación sobre posibles escenarios de emancipación producidos en el encuentro entre teatro, educación no escolar y adolescentes. La reflexión permite observar que Freire, desde la perspectiva de Marx, resalta la importancia de la educación como una práctica de libertad basada en el ideal de transformación social. Boal explora, a través del teatro, una manera de reflexionar sobre la opresión de las clases desfavorecidas. Rancière, busca, a partir de la experiencia de un pedagogo francés, llamado Joseph Jacotot, pensar el principio de igualdad de inteligencias como motor de emancipación intelectual. El estudio permitió extraer reflexiones sobre actitudes y acciones pedagógicas tan importantes como los conocimientos involucrados en el aprendizaje, trasladando el concepto de emancipación a posibles relaciones en el aquí y ahora de los procesos educativos y artísticos.

PALABRAS CLAVE: Emancipación. Educación Freireana. Educación no escolar. Teatro del Oprimido.

Introdução

Este texto contempla uma parte do estudo realizado para a pesquisa de Mestrado Profissional em Educação, sob o título *Possibilidades de nós: teatro, educação e cenas emancipatórias*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, com sede em Osório/RS. O principal objetivo deste artigo é aproximar as concepções sobre emancipação e contribuições à educação dos teóricos e pensadores Jacques Rancière, Paulo Freire e Augusto Boal para impulsionar uma das leituras possíveis em relação a esses autores, além de refletir sobre as implicações práticas em relação ao conceito a partir da prática teatral com adolescentes, a fim de desenvolver uma interpretação proveitosa e capaz de contribuir para o debate em educação e teatro da atualidade.

A pesquisa em questão aconteceu no ano de 2023 em um espaço de educação não escolar, no bairro Cavallhada, em Porto Alegre/RS, no âmbito de um projeto social que atende crianças e adolescentes, de 6 a 14 anos, no contraturno das atividades escolares. É relevante ressaltar nossa escolha por usar o termo educação não escolar em vez dos mais usuais, como educação não formal (aquela que mesmo fora dos ambientes escolares ainda acontece de forma intencional e formativa) ou educação informal (aquela que acontece no cotidiano das pessoas, nas relações e interações com os outros e com o mundo), pois entendemos que as formas de nomeação atribuem níveis e hierarquizações nas práticas educacionais e nas diferentes formas de ensinar e aprender. Ou seja, buscamos valorizar a importância e a potência da educação produzida em tempos, espaços e formas não escolarizados, na “defesa de uma educação escolar e não escolar – que sejam diferentes, porém complementares” (Vianna et al., 2020, p. 586). Além desses termos, processos educativos não escolares também podem ser considerados espaços extracurriculares (Bello, 2016).

Inicialmente, a escolha por esses autores se dá pela incidência nas artes cênicas, como ocorre com Augusto Boal e a sua metodologia do Teatro do Oprimido (TO). O importante pensador da cena teatral, da cena progressista, tem influência no que é chamado de “teatro político” no Brasil, devido ao seu cunho ideológico e político. Paulo Freire compõe o conjunto por seu legado e contribuição às discussões acerca de uma educação libertadora e humanizada. Educador que é referência para os movimentos sociais, é ainda muito estudado nas pesquisas acadêmicas dentro e fora do país. Segundo uma pesquisa da Cátedra Paulo Freire da PUC-SP, Freire foi citado em 1.852 trabalhos de pós-graduação entre os anos de 1991 a 2012, em território nacional (Saul, 2016). Walter Kohan (2019) aponta para o fato de que a obra *Pedagogia do Oprimido* é a terceira mais citada do mundo todo nas

pesquisas da área de ciências sociais. Jacques Rancière, que completa o grupo, é um pensador contemporâneo que produz reflexões que contribuem para alargar as discussões sobre educação nas diferentes artes quando trata sobre estética e política.

Aprofundar o conceito de emancipação leva em consideração a importância do tema para a prática teatral e, para a investigação realizada na escrita da dissertação, que tinha como objetivo elaborar reflexões a partir do que acontece nos encontros entre Teatro do Oprimido e adolescentes, ajuda a identificar aqueles encontros que possam ser considerados experiências e vivências significativas, o que compreendemos como “possíveis cenas de emancipação” para os indivíduos e para o coletivo.

A prática teatral com adolescentes demarcou um território significativo para o grupo analisado no presente trabalho, o que levou a observar alguns deslocamentos e aberturas nas interações que esse grupo realizou em relação ao seu modo de agir prévio às aulas de teatro. Temos em mente que tais práticas não escolares possibilitaram ao grupo entender as formas como percebem e atuam diante das situações provocadas pelo jogo teatral, as novas sensações e pensamentos que produzem sobre si e sobre o outro, as reverberações positivas que foram reforçadas verbalmente, nos momentos de partilha das experiências, nos diálogos, nas escritas e em outras formas de expressão. Na pesquisa concluída, esse território de aberturas geradas pelo encontro entre adolescentes e o TO é o que tratamos como possíveis cenas de emancipação.

1. Panoramas sobre o conceito de emancipação em Freire, Boal e Rancière

Jacques Rancière⁴ é um filósofo francês considerado um importante pensador contemporâneo, e sua larga produção tem contribuído para as discussões em áreas como filosofia, política, educação e artes. Nasceu na Argélia, em 1940, e, logo cedo, em 1945, mudou-se para Paris, onde vive até hoje e atua como professor emérito de Estética e Política da Universidade Paris 8. Aluno de Louis Althusser, pensador que contribuiu aos estudos sobre o marxismo, e membro de um grupo de jovens comunistas, participou, em 1965, da elaboração de *Lire le Capital* (Ler O Capital), que foi sua primeira publicação, juntamente com um grupo de estudantes da *École Normale Supérieure* (Escola Normal Superior de Paris). Suas obras se caracterizam por um estilo de pensamento que embaralha as barreiras disciplinares e evoca deslocamentos com o campo acadêmico, ao fraturar o pensamento de tomar as falas tidas como subalternas como um “material bruto”, a ganhar significação a partir do intelectual e da produção acadêmica.

⁴ A tese de doutorado de Rodrigues Netto (2022) embasa o percurso biográfico do filósofo.

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire,
Augusto Boal e Jacques Rancière

Paulo Reglus Neves Freire, educador e filósofo brasileiro, nasceu em Recife, em 1921, e veio a falecer em 1997. Engajado em movimentos sociais, é referência mundial para o campo da educação, propondo uma educação libertadora e humanizada a partir da *Pedagogia do Oprimido*, conhecido pela sistematização de um método de alfabetização de jovens e adultos. Criticado por seu idealismo e até por um pensamento utópico, Freire defendeu uma educação da esperança para lutar contra as falsas esperanças produzidas pelo neoliberalismo, que fixa e mercantiliza a vida. A ação educativa, utópica e revolucionária, atualizaria “o futuro pelo engajamento do ser humano na construção de sua própria história” (Peroza; Schiffer, 2008, p. 11).

Augusto Boal foi um diretor de teatro e dramaturgo que nasceu no Rio de Janeiro, em 1931, e faleceu em 2009. Sistematizou uma metodologia de teatro chamada de *Teatro do Oprimido*, utilizando a expressão cênica para denunciar os problemas sociais da população, demarcando o teatro como ferramenta política no processo de conscientização e posicionando-se veementemente a favor de um teatro que não fosse apenas de uma parcela da sociedade, da elite.

Para adentrar ao conceito de emancipação, vamos à origem da palavra. A palavra emancipação vem do latim *emancipare*, “declarar alguém livre”, formado por *ex-*, “fora”, + *mancipare*, “entregar, transferir, vender”, de *mancipium*, “qualidade de proprietário”, de *manus*, “mão” (HOUAISS, 2015). No Direito, por exemplo, emancipação é um termo legal que está atrelado ao alcance dos direitos e responsabilidades de um indivíduo em detrimento de outro, o exemplo mais comum está relacionado aos filhos em relação aos seus pais (Brasil, 2002).

Existe um ponto inicial entre esses três autores que os coloca lado a lado: em suas bases teóricas está a obra de Karl Marx. Mesmo que Rancière tenha logo se afastado das concepções marxistas e até mesmo tenha proposto certas críticas ao marxismo, saber do lugar de partida desses autores nos leva a contextualizar o modo como pensaram, no sentido do descontentamento em relação à forma como se apresentam e funcionam as estruturas sociais em seus diversos aspectos.

Augusto Boal, com o *Teatro do Oprimido*, e Paulo Freire, com a *Pedagogia do Oprimido*, partiram da concepção de uma sociedade dividida em classes, na qual alguns têm privilégios, porque detêm os meios de produção, e outros são explorados pelo trabalho, pois é o que lhes cabe na estrutura dividida e assimétrica. Podemos entender que Freire e Boal se insurgiram contra o modelo capitalista competitivo, acreditando que a educação e o teatro, respectivamente, são meios para reconhecer a codificação do mundo para o acúmulo material e simbólico de poucos. Daí buscarem formas de alterar a condição de exploração. Ao nosso ver, educação e teatro permitem pronunciar a forma do mundo

organizado e governado: reconhecendo-a, as pessoas se fazem, ao mesmo tempo em que fazem e refazem o próprio mundo (Marinho, 2014).

Afastado do pensamento de Marx, Rancière reavalia suas concepções teórico-políticas após os eventos de Maio de 68 na França, marcados pela mobilização estudantil e operária. Assim, coloca em xeque algo que, para ele, conduz o modelo marxista, que é pensar a emancipação humana a partir das expectativas de certa intelectualidade e recusa a divisão do saber e as hierarquias intelectuais. Isso é algo que aparece como uma questão que atravessa todo seu pensamento até os escritos atuais.

Nos escritos de Augusto Boal, pouco se vê algo relacionado diretamente ao conceito de emancipação, por isso buscamos interpretações sobre as leituras de Augusto Boal e alguns outros autores, como, por exemplo, Julian Boal, filho do dramaturgo, pesquisador e praticante do TO, e José Soeiro, sociólogo e pesquisador do TO, que apontam alguns caminhos para a compreensão de emancipação na teoria do TO. O próprio nome — Teatro *do* Oprimido — evidencia como ele observava a estruturação social, que foi uma das maiores contribuições à criação de um teatro que fosse genuinamente brasileiro e latino-americano, territórios marcados pelo atravessamento colonial.

Nesse contexto, a emancipação era considerada como o contrário de opressão, mas não apenas no âmbito econômico. Para ele, para além das desigualdades visíveis, a opressão se mostra a partir de práticas de consolidação de papéis sociais que fixam identidades das pessoas e definem a sua experiência com o mundo. Por isso o dramaturgo prestava atenção na hierarquização social que postula diferenças entre oprimido-opressor que tendem a favorecer o opressor ao serem valoradas como atributos absolutos, fixos e inalteráveis em nossa sociedade. Assim, a emancipação seria como um processo de resistência à opressão a partir da *desmecanização* das identidades sólidas que confinam as pessoas em papéis sociais, para usar os seus termos. Lutar contra a opressão exige *desmecanizar* os corpos, desprender-se de papéis sociais que limitam e circunscrevem a liberdade das pessoas ao seu desempenho na sociedade capitalista. Julian Boal e José Soeiro (2019, p. 101) analisam o entendimento de emancipação em Augusto Boal:

a emancipação pode ser definida como a ruptura da distribuição dos papéis, espaços e lugares nos quais estamos alocados/destinados/confinados. É exatamente isto o que Augusto Boal propõe em seus escritos e exercícios sobre as máscaras, os rituais ou a des-mecanização do corpo: que sejamos liberados das marcações que nos são atribuídas pela divisão social do trabalho. Não há nada no raciocínio de Boal que nos impeça de considerar outros “rituais”, “máscaras sociais” ou “mecanizações” impostos por outras estruturas e divisões da sociedade (como, por exemplo, gênero, raça ou sexualidade [...]) como formas que também limitam nosso ser e que devem ser superadas.

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire,
Augusto Boal e Jacques Rancière

Daí entendermos que as marcações e as divisões dos papéis sociais impedem a emancipação, porque cumprir o papel social é exatamente ter mecanizado o corpo. No livro *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, consta que o processo emancipatório é uma busca contínua, uma luta que nunca cessa, tendo em vista que todas as pessoas são, em diferentes níveis e em diferentes momentos, oprimidas e opressoras, uma vez que são práticas naturalizadas e internalizadas nelas e que se rearranjam constantemente (Boal, 1991).

Paulo Freire também aborda a relação oprimido-opressor na perspectiva de educação popular e em busca de um caminho de conscientização e libertação, pois “a opressão existe quando se constitui em um ato proibitivo do ser mais dos homens”, na constante desumanização e desvalorização da existência do outro. Palavras de Freire (1987, p. 24):

basta, porém, que homens estejam sendo proibidos de ser mais, para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens - a do ser mais.

Feito esse sobrevoo sobre como os autores aqui analisados propõem teorias e práticas acerca da *emancipação*, proporemos, a seguir, uma pequena discussão mais situada para mostrar algumas relações das propostas de Paulo Freire, Augusto Boal e Jacques Rancière com as práticas desenvolvidas nas atividades teatrais não escolares realizadas no grupo analisado para o presente artigo. A ideia é dar continuidade ao que já escrevemos até aqui, mas abrindo brechas para se pensar as conexões possibilitadas ao aplicar, de certo modo, o conceito de emancipação e construir algo a partir da prática em grupo.

2. Implicações da emancipação em práticas teatrais não escolares

No contexto da pesquisa realizada, os adolescentes participantes do projeto social, pertencem ao chamado grupo de pessoas marginalizadas e que sofrem opressões diariamente. Essas opressões afetam não apenas o acesso a direitos materiais básicos, como moradia, alimentação, cultura, educação e lazer, direitos fundamentais a qualquer cidadão, mas atinge também suas existências ao reforçar condições de invisibilidade e inferioridade. A “*ontológica* vocação de ser mais” que Paulo Freire aborda é, portanto, constantemente anulada hoje em situações concretas como a miséria, a desigualdade social, a exploração do trabalho, o racismo, e a anulação da existência do outro.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, o educador propõe e defende uma pedagogia em prol da emancipação coletiva e que “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua

humanidade e realizarem a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (Freire, 2002, p. 30). Freire associa o conceito de práxis à educação, uma vez que a Pedagogia do Oprimido só acontece na relação teórico-prática, orientada pelo diálogo, pela reflexão, pela conscientização e por ações concretas que busquem transformar a realidade. Isso faz sentido na medida em que “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando bla-bla-blá e a prática, ativismo” (Freire, 2007, p. 22). Dessa forma, a efetivação da pedagogia do oprimido só é possível por meio da ação do próprio oprimido, pois

[...] é aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (Freire, 2007, p. 20).

O pensamento freiriano entende como primordial o processo emancipatório pela superação das opressões, para isso realizando um projeto de educação para a liberdade em contraposição ao modelo de educação inculcado em nossa sociedade, denominado por ele como “educação bancária”. Nas suas palavras,

Na concepção ‘bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da ‘cultura do silêncio’, a ‘educação bancária’ mantém e estimula a contradição (Freire, 1987, p. 82).

Em lugar da relação verticalizada, que nega a palavra do educando, que trata o processo pedagógico como transmissão de um conhecimento, Freire propõe-se a realizar uma prática educativa humanizada e crítica, uma educação problematizadora. O fazer libertador de um processo pedagógico em que o educando e os educadores se promovem como seres humanos em comunhão fizeram de Freire o educador que acreditava na educação como caminho para as transformações sociais, mesmo compreendendo que o processo histórico passe por momentos de retrocesso e que, de fato, a educação não possa tudo. Ao longo de sua vida, Freire desenvolveu significativos trabalhos na área de educação popular, principalmente na alfabetização de jovens e adultos, como a experiência de Angicos/RN, em 1963, passando pela coordenação do extinto Plano Nacional de Alfabetização, ou, ainda, atuando como Secretário de Educação na cidade de São Paulo entre 1989 e 1991 (Kohan, 2019). Através de suas obras, ideologia e pedagogia deixou um legado permanente em defesa de uma educação que pudesse transformar o estado das coisas.

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire,
Augusto Boal e Jacques Rancière

Nessa prática de educação libertadora, educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante e a concepção de que o conhecimento é algo a ser transmitido por aquele que sabe para aqueles que nada sabem, como um depósito ou uma transferência de valores e conhecimentos. Desfazer essa lógica bancária de educação exige uma práxis (a análise da realidade na produção de uma ação transformadora) em uma pedagogia de esperança, sendo que

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (Freire, 1996, p. 23).

Freire não se afasta da questão do conteúdo do ensino, mas propõe outras formas de ensinar e aprender nas quais a autonomia do educando seja levada em consideração e seu conhecimento esteja vivo no conteúdo estudado, ou seja, um veículo do que se está aprendendo. Um educador crítico em relação à sua prática e preocupado com sua constante formação pode transformar o processo educativo de um treinamento técnico ou conteudista em um processo de formação humana e ética, pautado pela consciência de que somos seres inacabados sempre em processo de mudança e aprendizado. Por isso, a importância do papel do educador está quando este compreende que “faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo” (Freire, 2004, p. 15).

A expressão “pensar certo” está atrelada às disponibilidades do sujeito de refletir sobre si e sua prática. O professor que pensa certo, assim, “deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (Freire, 2004, p. 16). De certa forma, há uma esperança freiriana de conserto do mundo, que age como mobilizadora de reflexões sobre nossas práticas pedagógicas enquanto educadoras e educadores, especialmente no ensino do teatro para adolescentes. Como afirma Freire (1989, p. 4), se a “educação não é a chave, a alavanca, o instrumento para a transformação social”, é justamente porque não pode tudo, que a educação pode alguma coisa. Daí mantemos seu alerta para os perigos que recaem na educação ainda hoje: “é preciso que não nos deixemos cair, de um lado, na ingenuidade de uma educação todo-poderosa; de outro, noutra ingenuidade, que é a de negar a potencialidade da educação” (Freire, 1989, p. 6). Freire orienta a constante reflexão e reinvenção de nossas práticas pedagógicas seja em que instituição for.

De modo diferente, Jacques Rancière desassocia o debate sobre emancipação da lógica “opressor versus oprimidos” e da emancipação social. O que aparece em suas discussões é a partilha do sensível, isto é, na base da política opera uma forma de divisão e de compartilhamento da experiência comum. Essa partilha do sensível, age como sistema de evidências sensíveis, “[...] que faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela ‘ocupação’ define competências ou incompetências para o comum” (Rancière, 2009, p. 16).

No início de sua trajetória como pesquisador, o filósofo está diretamente ligado aos estudos marxianos junto ao grupo de estudos liderado por Louis Althusser. Rancière inicia seu afastamento da vanguarda althusseriana muito influenciado pelo contexto das insurreições de Maio de 1968, um movimento de recusa às hierarquias sociais e de negação das divisões de ordem vertical entre trabalho e conhecimento intelectual, que mobilizou estudantes, operários, professores e artistas. Segundo Rodrigues Netto (2022, p. 15), o movimento de 68 “pôde reinscrever a discussão da igualdade como princípio que se relaciona à política, ou que possa instaurar a política na brecha em que esta conflitua com a ordem instituída”. Esse rompimento partia do entendimento de que tanto a ciência marxista e sua extensão no partido comunista enquanto aparelho político e sindical operam de forma hierárquica em relação aos trabalhadores. Além disso, supunha uma intelectualidade superior capaz de revelar a verdade da exploração aos trabalhadores, como uma espécie de porta-voz dos grupos historicamente marginalizados e desfavorecidos.

Assim, nos anos 1970 seu interesse se volta aos panfletos, jornais e cartas de operários, material que constitui posteriormente sua tese de doutorado, com a publicação de *A Noite dos Proletários: arquivos do sonho operário*, em 1981, quando os trabalhadores fazem história por suas próprias palavras. Na entrevista concedida em 2021, o filósofo relata:

De início, ao mergulhar nos arquivos operários, eu me deparei com uma realidade que não tinha nada a ver com uma de voz de baixo que se liberava. O que eu vi foi, ao contrário, que a circulação de palavras, os cruzamentos de palavras, todas as formas de apropriação da palavra do outro, da cultura do outro, estavam no cerne dos processos de emancipação. Assim, o que percebi na época foi que não existe a palavra dos intelectuais e a palavra do povo. Somos todos intelectuais. Esses trabalhadores também usam suas cabeças, portanto são intelectuais (Rancière, 2021, p. 7).

No momento em que todos são intelectuais, podemos abordar, na noção de emancipação de Rancière, a igualdade de inteligências.

No livro *Nas Margens do Político* (2014), a igualdade é exemplificada a partir das reivindicações dos operários franceses em meados de 1800. Apesar da carta constitucional francesa

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire,
Augusto Boal e Jacques Rancière

mentonar a igualdade, isso não era uma prática, visto que os trabalhadores não eram vistos como seres iguais aos homens das classes superiores e suas reivindicações não eram atendidas. Exercendo um outro modo de pensar, propôs que a emancipação “consiste no jogo das práticas guiadas pela pressuposição da igualdade de qualquer um com qualquer outro e pela preocupação de verificá-la” (Rancière, 2014, p. 69). Emancipação é ter a igualdade como princípio das relações, não como um fim a ser atingido por luta entre categorias desiguais, hierarquizadas. Daí a necessária superação da lógica de inferioridade e superioridade:

a emancipação é a saída da menoridade, mas ninguém sai da menoridade social senão pelo seu próprio pé, emancipar os trabalhadores não é fazer aparecer o trabalho como princípio fundador na nova sociedade, mas fazer sair os trabalhadores do estado de menoridade, provar que eles pertencem de fato a sociedade, que comuniquem de fato, com todos os outros no espaço comum, que não são apenas seres de necessidade, que se queixam e que gritam, mas seres de razão e de discurso, que podem opor a uma razão a outra e dar a sua ação a forma de uma demonstração (Rancière, 2014, p. 67).

Nesse sentido, as aulas de teatro que vivenciamos na prática desta pesquisa que intencionavam gerar condições para nossas cenas emancipatórias, buscaram agir como possibilidades de saída deste estado de menoridade ao qual o grupo de adolescentes do projeto social está associado pelo olhar externo. Novas relações puderam emergir no espaço educativo, além de também lançar outras formas de pensar nossa existência, enquanto potência, coletiva e individual.

Sair do estado de menoridade pela prática teatral, portanto, significou acolher amorosamente os acontecimentos sensíveis que presenciamos em nossas práticas, buscando o afastamento de qualquer julgamento moral sobre tais fatos. Tratou-se também de uma tentativa de não atuar, inclusive na forma discursiva e teórica, segundo a lógica representativa e explicativa do mundo e dos acontecimentos, de maneira causal, linear, consensual, que visa classificar, nomear, organizar e reforçar ordens. Assim, importa destacar que, na pesquisa, *sensíveis e sensibilidades* não são entendidas apenas como o que pode ser positivo, bom ou emotivo, mas são formas de acionar entendimentos e recriações do mundo a partir de outras lógicas que não apenas da racionalização e da representação, é a capacidade de ser afetado (afetos alegres e tristes) a partir da experiência.

Como quando em nossos encontros e práticas educativas teatrais, pudemos acionar olhares e sensações diferenciados em relação aos nossos corpos e os corpos dos outros. Exercícios de respiração, jogos teatrais que nos provocavam a estar no aqui e agora de maneira presente e diferente da cotidiana, de forma a dar atenção àquilo que não é percebido pela agitação diária e a alta quantidade de informações que recebemos diariamente. Não foi nosso interesse medir ou quantificar o que foi ou

não emancipatório ou importante para o grupo, mas percebemos que ali aconteciam práticas de conhecimento dos nossos corpos e formas de cuidado de si e do coletivo, práticas essas que muitas vezes estão distantes de nós, mas que foram importantes momentos em nossas aulas, quando puderam nos mostrar um possível diferente daquilo já conhecido por nós.

Procuramos estabelecer, em nossas aulas, um tipo de fazer teatral que assumisse, intensificasse e ampliasse a dimensão das relações nos processos educativos, com base no respeito, na ética, no cuidado, no diálogo e na confiança. Percebemos que, em relação ao teatro, na sala de aula, podemos fazer mais coisas em grupo que solitariamente, como lançar-se no ar e não se esborrachar no chão ao ser amparado pelos colegas. Estar aberto ao encontro teatral é estar aberto ao mistério do outro em um difícil exercício de alteridade que implica uma atitude ética e política.

Nosso fazer coletivo não significou harmonia absoluta, e nem buscava tal equilíbrio, pois a convivência é uma zona instável, visto que as relações são eventos delicados e também são zonas de disputas. O desafio foi descobrir maneiras de negociar com as fragilidades, necessidades, sensibilidades e problemas de nós mesmos e dos demais, em uma dinâmica de equilíbrio em meio aos movimentos coletivos.

No livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* (2007), que é uma obra bastante conhecida entre educadores e pesquisadores da educação, o conceito de emancipação vai sendo refinado por Rancière a partir do professor francês Joseph Jacotot no século XIX, em uma experiência na qual a emancipação intelectual e a igualdade das inteligências aconteceram quando o professor ensinou à turma algo que ele próprio não sabia. A experiência de Jacotot acontece em Louvain, cidade da Bélgica, onde, exilado, é nomeado professor e se depara com o desafio de lecionar para jovens que ignoravam o idioma francês e ele o holandês. Sua escolha então, para estabelecer um vínculo mínimo entre ele e os estudantes, foi de utilizar uma versão bilíngue da obra *Telêmaco* e, com a ajuda de uma intérprete, orientou a turma a estudar o texto em francês, amparada pela tradução. Por fim, ainda que sem orientação pontual, a não ser a tradução na língua holandesa e o texto em francês, os estudantes haviam se saído muito bem. A experiência contrapõe toda uma lógica pedagógica, a que explica ou ensina algo para quem ignora. Para Rancière, a experiência de Jacotot era

Uma proposta, sem dúvida, polêmica em sua formulação, uma vez que, sob a égide de um certo mito pedagógico – em muito refulgente no ideário coletivo – ensinar pressupõe desnível entre inteligências, e assim só se pode ensinar aquilo que se sabe, nunca o que se ignora. Uma inteligência transfere a outra o seu saber, explica-o a outrem (Rancière, 2002, p. 54).

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire,
Augusto Boal e Jacques Rancière

Essa “aventura intelectual” possibilita um novo olhar para a relação entre mestre e aprendiz, a qual comumente parte da incapacidade e do “não saber” do aluno, para que o mestre atue fazendo-o aprender e sair da ignorância. E aí que a igualdade das inteligências funciona no princípio da relação educativa e a emancipação intelectual se atualiza, pois uma inteligência pode fazer seu percurso próprio de investigação, desde que deseje fazê-lo.

Nas práticas realizadas com o grupo tivemos como referência o compilado de jogos e exercícios sistematizados por Augusto Boal nos livros *200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não ator com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro* (1982) e *Jogos para atores e não atores* (2007), exercitando formas de, através do teatro, seus jogos e exercícios, nos tornarmos mais conscientes de nossa “alienação muscular”. Um fazer coletivo, onde a educadora, ao praticar os exercícios propostos com o grupo, intencionou experimentações coletivas e formas de atuar em uma sala de aula que pudessem estabelecer relações baseadas na escuta, na coletividade, e no engajamento de todas as pessoas implicadas no processo educativo.

Não nos interessava adquirir uma nova especialização, enquanto atleta ou acrobata, por exemplo, mas experimentar as possibilidades que o fazer teatral nos proporciona. Essas vivências certamente serão úteis para interpretação de personagens, mas também para o exercício de alteridade, cuidado e conhecimento de si. Augusto Boal (2007, p. 89) pontua que “na batalha do corpo contra o mundo, os sentidos sofrem, e começamos a sentir muito pouco daquilo que tocamos, a escutar muito pouco daquilo que ouvimos, a ver muito pouco daquilo que olhamos”. Isso significa reativar nossos sentidos, percebê-los com inteireza e intensidades as quais já não estamos acostumados. Foi nessas vivências singulares do fazer teatral que encontramos nossas possibilidades emancipatórias.

A igualdade das inteligências não hierarquiza os saberes, pois é a hierarquia que estabelece as distâncias que nunca serão superadas entre saber e ignorar. Se todos possuem a capacidade intelectual, ela está proporcionalmente ligada à vontade de possuir um conhecimento e à consciência de uma igualdade de natureza, o que “[...] se chama emancipação, e que abre o caminho para toda aventura no país do saber. Pois se trata de ousar se aventurar, e não de aprender mais ou menos bem, ou mais ou menos rápido” (Rancière, 2002, p. 38).

Assim, conhecer tem a ver, então, com aventura. Talvez por isso não haja intenção de sistematizar um método educacional ou uma nova maneira de ensino-aprendizagem, mas de anunciar e verificar a igualdade das inteligências em experiências ou façanhas pedagógicas em que a inteligência do mestre e a dos alunos se mantivessem livres diante de algo comum a ser observado e estudado.

É notável a sensibilidade no desenvolvimento da pesquisa por meio do trabalho criativo com teatro e adolescentes. Vale ressaltar que, junto às atividades promovidas com os jovens, também houve a construção do podcast, *Rastros de uma Educadora Inquieta*⁵, que é o produto artístico profissional resultante da investigação. As diferentes vozes, e por consequência, suas presenças e tudo que implica suas condições de existência, compuseram uma polifonia de memórias, sensações e desejos humanos capazes de oferecer novas possibilidades de estarem e agirem no mundo, mesmo que numa curta duração de tempo (jogos teatrais em sala, episódios do podcast). As sensibilidades e os sentidos colocados em jogo pelo fazer teatral e educativo, juntamente da ética abordada na construção desta polifonia, são contribuintes diretos para criar espaços para possíveis cenas de emancipação, entendendo que a emancipação pode ser acionada em práticas que rompem com uma lógica capitalista de desumanização.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos aproximar o conceito de emancipação a partir das obras de Paulo Freire, Augusto Boal e Jacques Rancière, tendo como pano de fundo a investigação em um contexto não escolar com práticas educativas teatrais. As reflexões aqui descritas partem do princípio de que pensar cenas emancipatórias em nosso cotidiano das aulas de teatro implica dar lugar às sensibilidades, dar lugar à criação, à invenção, ao pensamento sensível, à subjetividade, ao questionamento, à expressão, ao novo olhar. Aspectos conceituais presentes no artigo foram mesclados às reflexões finais a fim de dar impulso a um novo pensamento. Por isso, na primeira parte desta escrita tratamos de falar sobre as abordagens dos autores em relação ao conceito. Na segunda parte, buscamos mostrar como as práticas teatrais desenvolvidas em um processo de educação não escolar, inspiradas pelos autores, nos ajudaram a pensar nossas cenas emancipatórias como acontecimentos singulares e sensíveis do nosso fazer cotidiano na sala de aula.

Em nossa prática com o Teatro do Oprimido, observamos que os adolescentes puderam exercitar essas possibilidades e criar um espaço de acolhimento e diálogo. Isso nos mostrou que a emancipação é um processo contínuo de descobertas, experimentações e reconfigurações. Ao revisar os objetivos desta escrita, percebemos que a prática educativa e teatral no contexto da educação não escolar não se limita a técnicas ou conteúdos específicos, mas se constitui como uma experiência capaz de reconfigurar o olhar sobre si e sobre o mundo.

⁵ O produto artístico educacional foi elaborado em formato de podcast, sob o título *Rastros de uma Educadora Inquieta*, se encontra disponível neste link: <https://www.youtube.com/@RastrosdeumaEducadoraInquieta>

Considerações acerca do conceito de emancipação em Paulo Freire,
Augusto Boal e Jacques Rancière

A reflexão que desponta ao finalizar esta escrita vai em direção à força de reflexão que as obras dos autores abordados possuem. Tal energia reflexiva não é impessoal e distante de nós, não é algo para o que direcionaríamos nossas críticas, mas um continente que nos faz repensar as práticas pedagógicas e nossos modos de fazer educação. Pesquisar em um contexto social marcado pela desigualdade e pela violência nos convoca a pensar a importância de pesquisar em implicação com essa realidade, em estar disponível para a escuta aberta e sensível, com atenção e vigilância para a complexidade das redes de interações.

A igualdade por princípio, na relação educativa, permite que, como coletivo, possamos nos desvincular das atribuições desiguais que nos distingue e nos hierarquiza socialmente para que o processo educativo seja um tempo de falar, de ler, de estudar e, nesse caso, fazer teatro, e não para que se adquiram competências de submissão, de execução e de comando.

Pensar um processo educativo que tenha como princípio a igualdade das inteligências, buscar uma educação em teatro como prática da liberdade e mobilizar a linguagem teatral para criar possibilidades emancipatórias junto ao coletivo, significa, inicialmente, para o professor, olhar e partir de si mesmo, reconhecer esse desejo e as formas de colocá-lo em prática. Todavia, sobretudo significa acionar uma vontade política de subverter a lógica desigual, propondo e acolhendo as criações presentes nesses espaços, vinculadas às possibilidades, interesses, fazeres e saberes dos sujeitos que delas participam.

Ensinar e aprender como exercício que envolve as inteligências e as vontades de quem educa e de quem aprende, sem que se hierarquizem uma à outra, é como um acordo entre os participantes que põe em movimento a curiosidade na construção de sentidos e relações para que os alunos tracem sua trajetória intelectual. Dessa forma, entendemos que as cenas emancipatórias na educação teatral não escolar precisam acontecer no cotidiano e consideramos que deslocar os conceitos para exercitar as possibilidades do presente possibilita uma emancipação não como algo a ser atingido, mas como algo a ser iniciado e praticado a cada aula, juntos.

Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOAL, Julian; SOEIRO, José. Identities, otherness, and emancipation in theatre of the oppressed. In: HOWE, Kelly; BOAL, Julian; SOEIRO, José (Eds.). **The Routledge Companion to Theatre of the Oppressed**. Abingdon: Routledge, 2019. p. 94-103.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 23 ago. 2023.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Do Mestre Ignorante ao Iniciador: forma escolar e emancipação intelectual. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/SpsbMnzHbVnDVQMm35vjPXM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Palestra do professor Paulo Freire no Seminário Educação e Direitos Humanos**. São Paulo, 1989. Disponível em: https://www.acervo.paulofreire.org/jspui/bitstream/7891/4529/1/FPF_OCP_04_0484.pdf. Acesso em: 23 ago 2023.

HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, Mais do que Nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

MARINHO, Andrea Rodrigues Barbosa. **Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-155120/pt-br.php>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PEROZA, Juliano; SCHIFFER, Mônica Brunner. Paulo Freire: utopia, educação e emancipação. **Instituto Paulo Freire**. 2008. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/12cbde6e-bd05-4015-b438-b527883a7d9c/content>. Acesso em: 23 ago. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Nas margens do político**. Lisboa: KKYM, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**: Arquivos do sonho operário. Lisboa: Antígona, 2012.

RODRIGUES NETTO, Eric. **Sobre a tomada da palavra em educação**: uma leitura de Jacques Rancière. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48135/tde-27052022-110234/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SAUL, Ana Maria. Paulo Freire na atualidade: legado e reinvenção. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 9-34, 2016.. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27365/19377>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SILVEIRA, Fabiane Tejada da. **A constituição do sujeito histórico freiriano**: construções da práxis de uma espect-atriz/professora. 2011.150f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1753/1/Fabiane_Tejadada_Silveira_Tese.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

VIANNA, Arthur Ferreira; SIRINO, Márcio Bernardino; MOTA, Patricia Flávia. Para além da significação ‘formal’, ‘não formal’ e ‘informal’ na educação brasileira. **EDUCAÇÃO**, v. 8, n. 3, p. 584-596, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p584-596>. Acesso em: 23 ago. 2023.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 06/12/2023
Aprovado em: 09/12/2024